

# Participação, empoderamento e cidadania: pensando na desconstrução das subalternidades

Nadir Esperança Azibeiro \*

Resenhas

Uma idéia-força perpassa o conjunto dos textos: existe *uma* perspectiva hegemônica – masculina, branca, ocidental, cristã, à qual se contrapõem, com maior ou menor intensidade, particularmente a partir da emergência dos chamados *novos movimentos sociais* (feministas, étnicos, geracionais, anticolonialistas ou antiimperialistas), *perspectivas liminares*, marginais, não-hegemônicas ou contra-hegemônicas.

Nesse sentido, os movimentos sociais aparecem não apenas como projetos ou ações que propõem mudanças políticas ou econômicas, mas trazem indícios de um questionamento dos próprios paradigmas hegemônicos: propõem outros pontos de vista, outros referenciais de análise e interpretação, que informam outras opções ético-políticas, epistemológicas, metodológicas.

Nesta mesa, focada na *participação*, no *empoderamento* e na *cidadania*, considere importante buscar, em cada um dos textos e em seu conjunto, onde estão os indícios dessas outras opções – das *brechas* – que apontem um caminhar do colonialismo para a solidariedade ou para a *desconstrução das subalternidades*.

Assim, seja falando a partir do campo do Direito, seja questionando a identificação entre ONGs e democracia, seja tratando do associativismo civil, seja falando a partir de enfoques do reli-

---

\* Professora CCE/Faed-Udesc. Coordenadora do Programa Entrelaços do Saber. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: f2nea@udesc.br.

gioso, todos eles explicitam a emergência das brechas de que falávamos antes: constituem-se, ao mesmo tempo, por dentro e por fora, nas margens do sistema hegemônico.

Essa idéia remete para a proposta de Walter Mignolo: a partir de Wallerstein – que trata do sistema-mundo moderno, e de Quijano – que trata da colonialidade do poder que deu origem à modernidade ocidental, Mignolo fala da modernidade/colonialidade como o sistema que vem sendo constituído desde os finais do século XV.

Um dos indícios do *novo* é a afirmação – presente no conjunto dos textos de forma explícita ou nas experiências analisadas – de que esse sistema hegemônico **não** é o único sistema possível. Como todo sistema, corresponde apenas a um dos resultados entre uma infinidade de combinações. Essa é a grande *novidade* dos movimentos sociais: inventar, na prática, outra relação, outro jeito de olhar o mundo, que balança as relações, as visões de mundo e os poderes hegemônicos.

Os textos destacam indícios desse novo jeito de ser e agir quando falam na ênfase na primeira pessoa do plural, demonstrando uma sólida consciência coletiva, fora dos padrões inspirados no individualismo capitalista. Além do resgate da autoestima, desenvolvimento da harmonia familiar e comunitária e na afirmação de todos terem se tornado melhores e mais tolerantes em relação a si mesmos, suas famílias e vizinhos, demonstrando o resgate da cidadania e da solidariedade, além do crescimento da consciência ecológica.

Ao mesmo tempo, sistematizam algumas das mudanças epistemológicas trazidas pelos movimentos sociais, destacando, ao mesmo tempo, que essas mudanças são não só analíticas, mas também propositivas – o epistemológico não se desvincula do societal, como observa Boaventura de Souza Santos.

Focando a questão ecológica, a partir da análise do espaço público como espaço não apenas de disputa, mas também de reconstrução reflexiva de valores e disposições, ou as questões da etnicidade, bem como das mudanças que a conjuntura impõe às associações, ou o papel da religião na construção do totalita-

rismo epistêmico, todos apontam para a necessidade de questionar esse *pensamento único*, tomado como universal a partir da exclusão de todos os diferentes.

Ao mesmo tempo, os textos destacam os indícios da possibilidade de construção de outra forma de pensar e agir que questione as relações piramidais e discriminatórias ainda vigentes e que constituem o paradigma hegemônico. As questões elencadas sobre o real papel das mulheres nas associações remetem ao papel dos movimentos feministas na tomada de consciência da crise desse paradigma hegemônico.

O debate profícuo que me parece pertinente neste momento – e que brota de todos os textos apresentados – é exatamente o destaque dessas múltiplas possibilidades e dos indícios da emergência de outras epistemologias e socialidades, tantas vezes silenciadas ou suprimidas.